



O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

280 anos da chegada do Brigadeiro José da Silva Pais a Rio Grande -100 anos da entrada do Brasil na I GM

ANO 2017

Janeiro

Nº 195

GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA



Em 1872, dois anos após o fim da Guerra do Paraguai, o Imperador Dom Pedro II determinou ao Marechal José Antônio Corrêa da Câmara - II Visconde de Pelotas (ao lado), ex-comandante das forças brasileiras naquele conflito, através de Aviso, um parecer sobre seis quesitos relativos à organização, melhoramentos no material de campanha, transportes, saúde e assistência religiosa.

As respostas do Marechal Câmara estão publicadas na Revista Militar Brasileira de Jul/Set 1942. Estão sendo publicadas n' O Tuiuti por especial gentileza do Membro-Efetivo Dr. Agamenon Wladimir Silva.

Respostas do Visconde de Pelotas ao Aviso de 16 Mai 1872

Por Aviso do Ministério da Guerra de 16 de maio último mandou S. M. o Imperador que, como ex-comandante em chefe do exército que operou no Paraguai, informe com o meu parecer acerca de diversos pontos relativos à organização do exército, melhoramentos a introduzir no material de campanha, digo, tema de transportes, Serviços médico e eclesiástico constantes de dois quesitos.

Lamentando que minha falta de luzes me não permita cumprir as Imperiais determinações como fora para desejar, vou contudo pelo melhor modo responder a cada um dos quesitos.

1º QUESITO

A organização dos corpos especiais de Engenheiros e Estado-Maior de 1ª e 2ª Classes presta-se perfeitamente ao serviço de campanha. Os dois primeiros compostos de oficiais

cheios de vida e com habilitação adquirida nas escolas do Império, prestaram serviços importantes na última guerra, cada um em seu ramo especial.

Ficou, entretanto, provado que o pessoal do Corpo de Estado-Maior de 1ª Classe é insuficiente para as necessidades de um exército de operações, mormente nos dois postos inferiores. Esse fato depreende-se da necessidade que houve constantemente de lançar mão de oficiais arregimentados para os diversos empregos nos Estados-Maiores dos Corpos de Exército, Divisões e Brigadas, do que resultava desfalque de oficiais nos regimentos e pior desempenho dos empregos que não podiam ser preenchidos convenientemente por aqueles que não tinham as habilitações necessárias. No Corpo de Engenheiros creio haver superabundância de oficiais, mormente superiores e com a redução destes sem aumento de despesa poder-se-ia aumentar o Estado-Maior de 1ª Classe.

Seria entretanto uma quimera autorizar o aumento sem procurar os meios de torná-lo efetivo. Para isso convinha dar às nossas escolas as proporções para preparar os necessários habilitados, oferecendo ao mesmo tempo garantias que sirvam de incentivo à mocidade e a convide a seguir a carreira das armas. ,

A insignificância dos vencimentos dos oficiais do Estado-Maior e mais corpos científicos não estimula a que a eles procurem pertencer aqueles que como engenheiros civis terão um futuro mais risonho, além de uma vida menos sujeita. Não permite a mesquinhez na retribuição aos atuais e lhes (ilegível) e quando são empregados em comissões do serviço que lhes é próprio, quase não lhes alcançam os vencimentos para as despesas de viagem em um país tão falto ainda de estradas e meios de transporte.

O Corpo de Estado-Maior de 2ª Classe continuando como ativo não exige reorganização. Presta-se, como disse, ao serviço de campanha e também ao da paz, sendo os seus oficiais empregados conforme sua capacidade nas fortalezas, depósitos, hospitais, ambulâncias de transportes, etc., etc.

Quanto ao Estado-Maior de artilharia, observarei que é a sua existência de grande utilidade e que mal pago, como os outros científicos, deve ser quanto antes separado da arma para que se possa criar especialidade. Um oficial que serve como capitão, major e tenente-coronel em um corpo ou regimento, inabilita-se para ser bom coronel no Estado-Maior, e os oficiais que servirem largamente no Estado-Maior terão de lutar com grandes dificuldades se mais tarde tiverem de servir arregimentados.

Há necessidade de não empregá-los senão em comissões de sua especialidade, fazendo desaparecer essa confusão de fins com o Estado-Maior de 1ª Classe, por meio da publicação e execução de regulamentos que definam os empregos de um e de outro corpo.

Na arma de cavalaria convém organizar um corpo especial de clavineiros a Spencer¹.

A infantaria deve ser uniformizada quanto for possível e na artilharia é mister criar mais um regimento a cavalo para o Rio Grande do Sul, montar os atuais corpos a pé e organizar corpos de posição para o serviço das fortalezas.

O Batalhão de Engenheiros deve ser aumentado no seu efetivo.

Não há necessidade de que os clavineiros tragam pistola; pelo contrário, só serve para aumentar o peso que carrega o cavaleiro e o cavalo.

As lanças do sistema francês, distribuídas ao exército no começo da última campanha, não me parecem boas. À primeira vista crê-se que são de maior alcance pelo comprimento e pelo equilíbrio que lhes dá o pesado cinto; os nossos cavaleiros, porém, lanceiros por natureza, não só não se acomodam com elas, como nenhum resultado tiram de semelhante equilíbrio. Os cintos rombudos são maus e as lâminas não são

¹ Carabina de retrocarga de calibre 12,7 mm criada pelo norte-americano Christopher Spencer, utilizada na Guerra de Secessão e mais adequada à Cavalaria. Usada pelo Brasil na Guerra do Paraguai.

suficientemente penetrantes. As hastes são de madeira de má qualidade. Creio que as que usávamos outrora são preferíveis.

Os espadões de que são armados os artilheiros e condutores devem ser substituídos por outras armas defensivas mais portáteis, conforme propus quando inspecionei o 1º Regimento de Artilharia a cavalo.

O equipamento das praças de pré presta-se a seu fim, sendo confeccionado de matéria prima de boa qualidade.

Em relação ao arreamento de cavalaria e de tiro, reclamo a atenção de V. Excia. para o que já tive ocasião de dizer tratando daquele Regimento e agora faço no relatório da inspeção por que passou o 3º Regimento de cavalaria ligeira.

Os serigotes são maus: inutilizam os animais com um único dia de trabalho. A substituição dos lombilhos por serigotes seria vantajosa tendo-se em vista o que pondero naquele relatório.

As peças de sela devem ser substituídas por outras de lança, conforme também proponho.

2º QUESITO

A campanha do Paraguai não nos serviu de grande mestre em relação ao conhecimento dos defeitos de nosso armamento, porque lutando com um inimigo inferior, mais atrasado nesta parte, dispendo de armamento portátil superior em alcance e precisão, apenas tivemos ocasião de reconhecer que apesar de não acompanharmos os melhoramentos que tem sido introduzidos nos últimos anos nos exércitos aguerridos, ainda assim o nosso pessoal não era idôneo para o manejo do armamento, e portanto não aproveitávamos as suas vantagens, muito principalmente falando da infantaria, cujo pessoal era péssimo, graças ao modo porque se apuravam as levas, remetidas para a campanha.

Assim, ocupando-me de armamento, não deixarei de lamentar essa falta de idoneidade, tanto mais quanto é fora de dúvida que o que vou responder tem-lhe a mais inteira ligação, e urge que cesse a praxe terrível de serem preenchidos os claros do exército com libertos que perderam o brio com o vergalho de seus senhores e cuja embrutecida inteligência, não lhes permitindo distinguir a destra da esquerda, jamais poderá elevá-los à altura do conhecimento das máquinas aperfeiçoadas de que fazem uso os exércitos. São de tanto valor estas reflexões, que temo, tenha mais tarde o Brasil de arrepende-se do indiferentismo com que é olhado o Exército.

A guerra do Paraguai parece a muitos ter demonstrado a desnecessidade da conservação de um exército regular em pé de guerra: os que assim pensam, porém, laboram em notável erro. E, infelizmente, bem difícil seria dissuadi-los de tão enraizada convicção. Nem o frisante fato da prolongação da guerra por cinco anos, nem o de terem apenas voltado ao norte do Império 17.000 homens de cerca de 80.000 que de lá partiram para o Paraguai (não falando do Sul), poderá convencer a tais pessimistas do erro em que persistem.

O enorme prejuízo resultante a todas as indústrias, da guerra do Paraguai, foi unicamente ocasionado pelos inimigos do exército.

De fato, se Solano Lopes soubesse que tínhamos nossas fronteiras guarnecidas, 20.000 homens armados e disciplinados, o preciso material de campanha e tomadas todas as providências para elevar-se aquele número ao duplo, ou triplo, não se arrojaría à tresloucada empresa de nossa conquista; e, quanto sangue, quanto luto, quanto dinheiro não teríamos economizado?

Com o aumento de civilização tornam-se as lutas cada vez mais encarniçadas, como demonstram os fatos e então não nos devemos olvidar nunca do provérbio que aconselha a prevenção de preferência ao remédio.

O serviço das armas é incontestavelmente o mais pesado e por esse mesmo motivo manda a equidade que toque a todos.

Uma lei de serviço obrigatório encontraria, antes de sua passagem no Parlamento, grande oposição; a nação, porém, pacífica como é, mormente depois do último grande passo dado no sentido da igualdade, se conformaria com ela, divisando uma medida duplamente razoável, porque, além da razão apontada, importaria a redução do tempo de serviço das praças.

Com que direito são conservadas no exército praças com cerca de 20 anos de serviço e que nas lutas do 2º Reinado, têm sempre oferecido seus peitos para escudos de nossa autonomia e instituições? Será porventura justo que sejam retidas no serviço de abnegação enquanto outros passeiam pelas ruas das capitais sem prestarem em nada à nação?

Ninguém o dirá e é pelo contrário forçoso que providências sejam tomadas no intuito de acabar com tanta injustiça, e desigualdade apoiada a maior parte das vezes em isenções indevidas, sem razão de ser.

Na Província de São Pedro, o descuido em não se concederem a tempo as excusas, concorre em grande parte para afugentar os voluntários, que, em outras condições, seriam suficientes para preencher os corpos de cavalaria.

Receosos porém, de não alcançarem mais suas baixas e com o exemplo do desprezo com que são tratados os veteranos, forçados ao serviço enquanto, têm torças físicas preferem, de ordinário, contrariar sua vocação, a seguir uma carreira que lhes apresenta tão sombrio futuro.

Outro tanto deve acontecer no Norte, se não em todas pelo menos em algumas províncias.

Feitas estas reflexões tratarei do armamento portátil e do equipamento.

O armamento a Minié² de que se serviu nossa infantaria na última guerra pode-se dizer que preenchia as necessidades do momento.

Os paraguaios dispunham apenas de dois corpos armados com carabinas raiadas, e então algumas vezes tirávamos vantagens de nossas armas, a que opunham as antigas espingardas lisas de adarme 17 e de pederneira.

Disse algumas vezes, quando deverá dizer no princípio da guerra, porque com sua continuação essa superioridade foi desaparecendo, para o que concorriam diversas razões: estrago das armas, a diversidade de adarmes e muito principalmente a péssima gente que era mandada para preencher as lacunas que constantemente se davam no nosso exército de linha e primeiros voluntários que marcharam.

A diversidade de adarmes (calibres) tornou indispensável adotar-se para a munição um misto, por causa dos embaraços com que por mais de uma vez teve-se de lutar em críticos momentos de combate.

A continuarmos, portanto, com esse armamento é indispensável a redução do armamento todo a um mesmo adarme.

Sou, entretanto, de opinião que continuemos com ele.

Melharemos o pessoal do exército, instruamo-lo e adotemos as “chassepeaux”³, reconhecidas como melhores que todas as armas pelos próprios prussianos.

As carabinas a Spencer são de um magnífico efeito. Os bons resultados que delas colhi no Paraguai exigem que se opine pela sua conservação.

² Espingarda (depois mosquetão e carabina) criada pelo francês Claude Etienne Minié. Utilizada no EB pela primeira vez na Guerra contra Oribe e Rosas. Calibre de 14,8 mm, alma raiada.

³ Fuzil de ferrolho e retrocarga criado pelo francês Antoine Alphonse Chassepot em 1866. Calibre de 11 mm. Utilizado na Guerra Franco-Prussiana de 1870/71. Sua fabricação foi cancelada em 1875.

3° QUESITO

Já tive ocasião de propor ao Governo a supressão dos conselhos econômicos fornecimento dos corpos e que o fornecimento fosse feito à vista de vales apresentados aos fornecedores contratados pelas repartições fiscais. Insistindo agora nas ideias apresentadas no Relatório da Inspeção do 1º Regimento de Artilharia, observarei que esse sistema não seria conveniente em campanha, quanto à existência de fornecedores.

A experiência aconselha que neste caso haja um comissariado com responsabilidade perante os tribunais militares. Sujeito à Repartição do Quartel Mestre General, suas contas serão processadas pela Repartição Fiscal na Corte, para o que aquela remeterá todos os documentos precisos.

A escrituração deve ser a mais simples, limitando-se quanto for possível à existência de livros de entrada e saída de gêneros e quantias.

Não há necessidade das aparatosas repartições fiscais e intendências.

O fornecimento feito como no Paraguai, é desvantajoso, entre outras muitas razões, pela que necessidade acarreta de estarem homens de fora do exército ao fato mais ou menos dos prováveis movimentos de operações das forças, e o êxito de uma campanha muitas vezes em suas mãos.

Quando operávamos nas Cordilheiras, eram tantas e tão repetidas as faltas cometidas pelos fornecedores que nos iam sendo fatais, por causa deles sofreram fome os que foram a S. Joaquim e eu lutei com um milhão de dificuldades para levar nossas bandeiras ao Aquidaban-eny (sic); ainda pelo relaxamento daqueles a quem tanto convinha a continuação da guerra.

Creio que um comissariado composto de homens escolhidos, bem pagos, fará ao Estado, em caso de guerra, uma economia de 40 por cento sobre as importâncias que teriam de ser gastas sem ele.

O comissariado deverá ter, às proporções que seguirem as forças, o preciso pessoal subalterno contratado e o conveniente material.

4° QUESITO

As instruções que regulam as manobras e evoluções das três armas devem ser revistas e uniformizadas e alteradas por uma comissão de peritos.

A instrução adquirida na artilharia não acompanha o desenvolvimento da arma, assim como a dificuldade de muitas de suas evoluções impede tirar-se delas a vantagem que traz sempre a presteza.

Há evoluções desnecessárias e falta de outras.

Conviria estabelecer os princípios gerais que servissem de base a todas as manobras, dando-se a faculdade de executar todas as possíveis debaixo daqueles princípios.

A supressão dos carros de munição nas manobras é de absoluta necessidade.

O Regulamento de infantaria presta-se regularmente ao ensino das evoluções indispensáveis, quando porém na guerra tudo tende a impedir que se opere em massas cerradas, é forçoso revê-lo e pô-lo de acordo com a tática moderna e outras armas.

Estas considerações aplicam-se igualmente à cavalaria, cujo regulamento é preferível ao antigo de Beresford⁴.

Há, porém, nele faltas a corrigir e a precisão das armas de fogo e o seu alcance exigem que da cavalaria se faça um instrumento de velocidade, porque, conforme diz um general contemporâneo, a Cavalaria já não se presta aos grandes choques, mas destina-se aos grandes efeitos que tem por fim paralisar e desorganizar.

É esta minha opinião.

⁴ Regulamento de autoria do inglês Marechal-General Lord William Carr Beresford.

5° QUESITO

O nosso material de campanha, além de estragado, está longe do desenvolvimento que tem tido o das outras nações.

Quando relatei o estado do 1° Regimento de Artilharia, opinei pela ideia de armá-lo com canhões franceses raiados.

Essa opinião baseava-se principalmente no fato de ser o seu manejo mais fácil, a par da boa qualidade da artilharia e da pouca idoneidade do pessoal do corpo.

Propus que se reduzisse a um só calibre a artilharia de campanha, e que se recolhesse a de montanha aos arsenais. Ponderei a inconveniência da diversidade de espécie de artilharias, como seja, artilharia francesa, espanhola e brasileira, que exigem munições diversas conquanto de mesmo calibre; propus que à artilharia de montanha se dessem armões; opinei pelo sistema castelhano de tiragem das viaturas; propus a redução de peso das galeras, e tratei da falta de espaço das mesmas; observei a necessidade de uma brasa nos canhões franceses e de serem carros e armões feitos por forma que se possa desarmá-los e finalmente sobre a vantagem do sistema francês de alças para os canhões campanha.

Lembrei a conveniência de se fazer aquisição de uma ou mais baterias Krupp e algumas metralhadoras, e agora insistirei em tudo aquilo e não duvidaria propor a adoção da artilharia prussiana se estivesse certo de que de ora em diante se procuraria o melhor pessoal para os corpos de artilharia.

A artilharia de 32 Withworth é de magnífico efeito. Deve ser conservada, acompanhando-a para a campanha os aparelhos indispensáveis às manobras de força.

Os morteiros enviados ao Paraguai, quer novos quer antigos e de todos os calibres, não produziram bons resultados em seu emprego.

A não termos morteiros de grosso calibre, não vale a pena fundi-lo.

O calibre 6 de Campanha é desnecessário e inconveniente e o de 12 tem algumas vezes aplicação em pequenos sítios, assaltos, etc.

Os foguetes pouco valor tem atualmente. Bastaria termos estativas e foguetes tangenciando para um ou outro caso em que conviesse o seu emprego.

Os meios de transporte são entre nós procurados nos momentos críticos. Então são chamadas à cena as antiquárias e pesadíssimas carretas puxadas a bois.

Convém criar um corpo de transporte no Rio Grande do Sul, com o preciso material e animais.

A despesa com a criação desse Corpo desaparece diante das somas que se consome anualmente com o frete de carretas para o transporte de quanto é necessário aos corpos que se acham na larga fronteira desta Província.

Na marcha para Palmar o Exmo. Duque de Caxias viu-se forçado a abandonar o pesadíssimo carretame que o não podia acompanhar.

É preciso mandar construir galeras ou carros de quatro rodas leves e ligeiros, para a condução de munições, armamento, etc., etc.

A condução de munições para armas de fogo portáteis em carros como os de artilharia é má ideia; estes carros são pesados, comportam poucos tiros e não se prestam à condução de feridos, o que não acontece com as galeras ou carretilhas, que levam munições à linha de fogo e trazem feridos.

O sistema de puxar a bois o trem do exército é péssimo e incompatível com a velocidade que se deve pretender nas operações de guerra.

O boi não caminha com chuva, nem quando há muito calor.

O emprego de muares é indispensável.

Estas espécies de animais são mui fortes, resistem à toda a classe de intempéries e de muita mansidão quando tratados à argola.

São de pouca aplicação ao serviço das estâncias e então de pronto não serão encontrados os precisos números de preparados para entrarem logo em serviço.

Convém, portanto, que o governo tenha urna fonte produtiva de muares, para fornecer aos corpos de transportes, ambulâncias, à artilharia, etc.

Assim, lembrarei a criação de uma ou mais coudelarias, ideia facilmente, realizável no Rio Grande do Sul, onde tem a Fazenda Nacional campos próprios, que vendidos forneceriam a precisa quantia para a aquisição de outros, se aqueles não fossem apropriados ao fim.

Não é somente a necessidade de melhorar os meios de transporte que aconselha seja esta ideia posta em prática.

Não nos devemos olvidar de que a raça cavalar da província vai definhando de dia em dia e que com dificuldade alcançaríamos os cavalos precisos para montar nossa cavalaria, em caso de guerra prolongada com as Repúblicas vizinhas.

Essas coudelarias ou estâncias modelo devem abranger portanto a criação das duas espécies.

O Estado faria enorme economia, e a indústria teria um grande impulso com este exemplo.

É tempo de convencermo-nos de que o cavalo de batalha necessita receber, de infância, mais alimento do que o que pode tirar do pasto comum dos campos, assim como educação apropriada ao fim que se lhe destina, qualidades que não têm os cavalos comprados aos estancieros, que de ordinário procuram desfazer-se dos velhos, arrebetados e mancos nos rodeios.

6° QUESITO

Acerca deste quesito pouco tenho a dizer.

A independência que o respectivo regulamento dá à Repartição de Saúde parece-me por demasiadamente lata e um tanto inconveniente.

Seria de vantagem que essa repartição dispusesse em campanha de mais meios de transporte e estes fáceis.

A construção de ambulâncias ligeiras, farmácias ambulantes e carros com instrumentos cirúrgicos e mais artigos necessários às operações, devem ser construídos e conservados em depósito para quando for preciso.

Nada me ocorre dizer sobre o serviço eclesiástico em campanha, o qual poderá ser feito como até aqui.

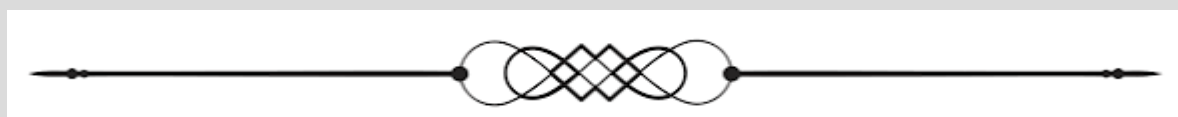
Tenho por esta forma cumprido as ordens do Governo.

Deus guarde V. Excia.

Ilmo. e Exmo. Sr. Conselheiro Dr. João José de Oliveira Junqueira, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra.

Porto Alegre, 30 de julho de 1872.

(Ass.) Visconde de Pelotas,
Marechal de Campo.



Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM (lecaminha@gmail.com)

Presidente da AHIMTB/RS

www.ahimtb.org.br

www.acadhistoria.com.br